

Combater o consumo de álcool na Adolescência

Investir na fiscalização da venda de álcool a adolescentes é uma das medidas de prevenção lembradas para combater o consumo nestas idades.

Mesmo na Madeira, apontada como a Região do país com menor prevalência nestas faixas etárias. Ensinar as consequências da bebida no organismo quando o corpo ainda está em formação, como no caso dos miúdos, é outra das frentes.

É a época dos arraiais, de festivais, concertos ou esplanadas à beira-mar. Adolescentes, de férias e sem cargas horárias exigentes no dia seguinte, juntam-se em grupo para conviver, descontrair, noite dentro. Numa sociedade em que o consumo de álcool está enraizado há séculos é, muitas vezes, durante a adolescência que acontecem as primeiras experiências. Só que, nestas idades, a ingestão de bebidas alcoólicas pode tornar-se abusiva e ao mesmo tempo de risco, também por causa das transformações físicas e emocionais que os jovens atravessam. Para muitos, o início do consumo é pouco consciente e chega a ser feito de forma perigosa. A ingestão de bebidas alcoólicas nestas idades é, actualmente, considerada por muitos como um problema de saúde pública.

Este mês, o caso da jovem de 17 anos que terá sido abusada sexualmente num estabelecimento

nocturno do Porto Santo, chocou a comunidade. Alegadamente, o criminoso ter-se-á aproveitado do estado de embriaguez da adolescente, seguindo-a para a casa de banho e forçando-a ter relações sexuais. A jovem diz não se lembrar do rosto do alegado perpetrador do crime. Como este, outros casos graves saltam para as páginas dos jornais ‘todos os dias’.

Entre as motivações que levam os jovens a beber estão sobretudo questões sociais e emocionais: bebem para se divertirem e para conseguirem fazê-lo com os outros.

Mesmo que o mais recente estudo do SICAD, Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos nas Dependências, mostre que o consumo de bebidas alcoólicas entre os jovens madeirenses esteja abaixo da média nacional (e comparativamente ao panorama europeu, Portugal também é dos países que registam o consumo mais baixo), o combate ao consumo de álcool na

adolescência deve continuar a ser incisivo e permanente, uma obrigação com a qual os poderes locais, as entidades especializadas e também os pais e educadores têm de se comprometer.

No ‘TV Inquérito Nacional ao Consumo de Substâncias Psicoativas na População Geral 2016-2017’, o mais recente, o SICAD questionou jovens de 18 anos, em sobre a prevalência de consumo de álcool, medido em três indicadores: medido em três indicadores: consumo habitual, ocasional e experimental.

Em 2016, dados mais recentes do estudo, a Região apresentou a menor prevalência em todos os indicadores. No primeiro, o consumo habitual, registou 51,9% comparativamente com os 65,1% da média nacional. A situação é semelhante nos outros dois restantes: 8 consumo ocasional fixou-se nos 78,5%, face ao 83,7% do país, e o consumo experimental parou nos 86,3%, inferior aos 88,9% registados média nacional.

1 Hoje há mais adolescentes a consumir bebidas alcoólicas em exagero, ao ponto de entrar em coma alcoólico? Ou estes casos não eram tão divulgados antigamente?

2 O Verão é mais propício a estes comportamentos de risco entre os jovens?

3 Aparentemente é necessária mais prevenção/sensibilização. Em casa? Na escola? Através de outros meios?

1 É admissível que a crescente globalização da informação, onde tudo é notícia, possa fazer transparecer uma maior prevalência de determinados cenários, pelo simples facto de outrora não terem sido motivo de divulgação. Em relação ao particular aspecto do alcoolismo na adolescência, acresce o facto de os estudos, quer a nível nacional quer internacional, serem escassos, relativamente recentes e, geralmente, incidirem sobre faixas etárias segmentadas, cujos resultados apresentam uma variabilidade considerável. Contudo, a percepção geral aponta para uma tendência crescente no consumo de bebidas alcoólicas pela população jovem e com início em idades cada vez mais precoces, sendo já considerado pela OMS um problema de Saúde Pública. Para além dos malefícios provocados pela acção tóxica directa do álcool num organismo imaturo, onde os sistemas enzimáticos ainda não têm a plena capacidade de metabolização, permitindo que quantidades menores originem efeitos devastadores em células ainda em desenvolvimento, sabe-se que, quanto menor for a idade de iniciação maior a probabilidade de serem adultos dependentes no futuro. Por outro lado, o consumo de álcool na adolescência está associado, frequentemente, a comportamentos de risco, entre os quais, conduta violenta, relações sexuais desprotegidas, potenciadoras da transmissão de doenças e de gravidezes indesejáveis ou a condução sob o efeito do álcool, responsável por acidentes graves, sendo o principal factor contributivo para a morbilidade e mortalidade nos jovens. A prevalência do consumo de álcool aumenta com a idade, não havendo diferença significativa entre géneros. Parece que o progressivo aumento do consumo feminino tem acompanhado as mudanças face ao papel da mulher na sociedade e à igualdade de género. A conquista de independência e liberdade, assim como a tentativa de afirmação, aliada ao enorme desejo em desafiar os seus próprios limites e ao sentimento de omnipo-

tência próprio da juventude, são factores facilitadores de consumos desajustados e perigosos. O padrão actual do consumo de álcool nos jovens não obedece à tradicional ingestão às refeições, incidindo na ingestão aos fins-de-semana, adquirindo um carácter esporádico mas excessivo, num conceito designado como 'binge drinking' (5 ou mais bebidas num curto espaço de tempo), especialmente bebidas espirituosas, onde se incluem os famosos 'shots', de teor alcoólico elevado e absorção rápida, aumentando a probabilidade de desencadear embriaguez e, no extremo, o coma alcoólico. Esta mudança de paradigma acaba por acompanhar a evolução da própria sociedade, em direcção ao consumo desregrado, enquadrando-se no conceito de 'Modernidade líquida' expresso por Zygmunt Bauman, onde tudo é temporário e o consumo efémero, privilegiando-se o imediato hedonístico em detrimento do diferido eudaimónico.

2 A associação entre o consumo de álcool e o ambiente de festa é uma realidade. O brinde não é mais que uma apologia mediada pelo álcool. A maioria dos jovens tem o primeiro contacto com as bebidas alcoólicas numa festa de aniversário, numa passagem de ano, num convívio de estudantes, em festas académicas ou rituais de praxe. A estação do ano, por si só, não parece influenciar o consumo de bebidas alcoólicas. Contudo, o período de Verão caracteriza-se por uma fértil calendarização de festividades, como sejam, os arraiais, os festivais, os 'sunsets', as festas brancas, entre outras, onde o álcool faz parte integrante do cartaz, sendo consumido desmesuradamente. Por conseguinte, como a 'oferta gera procura' e a 'ocasião faz o ladrão', o facto de corresponder ao período de férias grandes, ao libertar os jovens das responsabilidades escolares e das restrições associadas, facultar-lhes mais tempo livre para participar nestes eventos, contribuindo de forma indirecta para um aumento do consumo de álcool nesta época do ano.

3 A necessidade de atitudes mais pró-activas é uma realidade e todos os esforços nesse sentido tenderão sempre a parecer insuficientes. Este aspecto é transversal a múltiplas valências na área da saúde, onde o investimento na prevenção/sensibilização exige uma estratégia elaborada e um empenho extra, para uma compensação nem sempre animadora, agravado no caso do álcool por ser 'uma droga legal'. Problemas desta magnitude, pela sua complexidade, habitualmente não se resolvem com medidas 'ad hoc', requerendo soluções estruturadas, monitorizáveis e sustentáveis, com o envolvimento de todos os sectores da sociedade. É no seio familiar onde está centrado o papel educativo, não sendo aceitável transferir para a escola esse dever, como tendencialmente se vem verificando. Com efeito, está provado que as atitudes dos pais têm uma influência muito forte no comportamento dos filhos. Por outro lado, a escola na sua função formativa é o local de eleição para promover estilos de vida saudáveis nos alunos, devendo alargar esta missão aos encarregados de educação. É imperioso combater o 'marketing' que passa a imagem de o 'álcool estar na moda', facilitando o acesso e incentivando o consumo, e limitar o acesso dos jovens à sua aquisição, não só legislando adequadamente mas, fundamentalmente, investindo numa fiscalização efectiva com 'mão pesada' sobre os prevaricadores.



1 De acordo com o estudo do Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências (SICAD) realizado anualmente, desde 2015, no âmbito do Dia da Defesa Nacional, aos jovens de 18 anos, a Madeira tem sido a Região do país com menor prevalência ao nível do consumo de bebidas alcoólicas, isto em termos da experimentação, consumo regular e recente, bem como ao nível da embriaguez ligeira, severa e a ingestão de grandes quantidades num curto espaço de tempo. Há um padrão a reter, que é característico do todo nacional, os jovens que consomem fazem-no mais intensamente. Sempre houve casos de excessos, contudo e sobretudo no Verão há uma maior visibilidade e destaque destas situações.

2 Sem dúvida. Estão de férias a recarregar baterias, após um ano lectivo ou de trabalho intenso, procuram di-

versão e convívio com os seus pares, por vezes através de novas experiências. Por outro lado, há uma maior oferta de eventos recreativos que vão desde os festivais, arraiais, festas na praia, entre outros. E aqui podem surgir duas situações, nomeadamente os jovens podem se divertir sem recorrerem ao uso de substâncias psicoactivas lícitas ou ilícitas (felizmente a maioria), ou os que consideram que sem consumos não se conseguem divertir. Esta segunda opção pode conduzir a comportamentos de risco onde se destacam a violência, a sinistralidade rodoviária, relações sexuais desprotegidas e/ou não consentidas, vandalismo, coma, entre outros.

3 A prevenção existe e tem sido realizada, o IASAÚDE, através da UCAD, executou em 2018, acções que abrangeram

plementar, juntamente outras entidades onde as crianças e os jovens ocupam os seus tempos livres. Além disso, é fundamental promovermos uma comunidade o mais livre possível de drogas (lícitas ou ilícitas), incutindo nos mais novos a ideia de que podem e devem se divertir, ter sensações 'fortes', enfrentar e ultrapassar desafios de forma controlada e sem recorrerem ao uso/abuso de qualquer substância psicoactiva. Por último, e não menos importante, quero enfatizar e agradecer o papel importante que comunicação social tem desempenhado na prevenção dos comportamentos aditivos e dependências.



RICARDO VIEIRA - ADVOGADO

1 Não creio existirem dados conclusivos para responder com verdade a esta questão. Hoje, sabemos mais destas situações quer pelo registo oficial que delas se vai fazendo, quer pela divulgação respectiva nos media. O consumo de álcool sempre foi um grave problema de saúde pública na Região, embora tenhamos a percepção que o consumidor tipo tenha vindo a alterar-se ao longo dos tempos, incidindo cada vez mais nos mais novos e nas bebidas brancas. Já quanto ao consumo de drogas – leves ou pesadas, químicas ou tradicionais – a sensação que tenho é que se propagou e atinge hoje crescentes camadas de adolescentes/jovens.

2 Reúnem-se condições que facilitam esse consumo. É o período de férias, onde as saídas nocturnas com amigos são facilitadas e muitas vezes ilimitadas na

sua extensão. São os apelativos arraiais e concertos, onde há uma promoção manifesta de livre consumo. É sem dúvida o período do ano onde o clima mais incentiva e a época mais desresponsabiliza.

3 Sem dúvida! Em primeiro lugar, há necessidade das famílias intervirem e não deixarem que a sua educação se converta num laxismo demasiado perigoso. Na verdade, muitos dos jovens não têm efectivamente família, ou porque os pais se separaram ou porque há muito se demitiram dos seus papéis. E o papel da família é o mais necessário e eficaz, não havendo nada que o substitua. Mesmo nesse período estival, os pais devem acompanhar os filhos ou fazerem-se sentir que estão presentes. Vão buscar os filhos aos arraiais e às discotecas, convidem os amigos para irem à sua casa, falem com os seus educandos sobre os seus divertimentos, dêem testemunho e exemplo!

belecimentos e de postos de venda que ultrapassam todos os regulamentos; há um demissionário ou brando policiamento nesses locais de propensão para esses consumos; há falta de políticas de promoção de educação, de saúde e de segurança pública que incidam nessa camada da população.

Julgo porém que a maior dificuldade é a falta de coragem em adoptar e assumir o que toda a gente sabe que é necessário. Falta aos pais e aos educadores, aos autarcas e aos políticos e aos agentes de segurança! E há quem, nesse campo de desresponsabilização, aproveite e obtenha o ganho fácil à custa dos nossos jovens.

